



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
abertura do 1º Congresso Nacional de Arranjos Produtivos locais**

Brasília-DF, 02 de agosto de 2004

Meu caro companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do
Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Guido Mantega, ministro do Planejamento,
Orçamento e Gestão,

Meu caro companheiro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Meu caro companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento,

Meu caro Eunício Oliveira, ministro das Comunicações,

Meu querido Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,

Minha querida companheira Marisa,

Meu amigo deputado Armando Monteiro Neto, presidente da
Confederação Nacional da Indústria,

Meu caro Silvano Gianni, diretor-presidente do Sebrae,

Meu caro Armando Mariante, presidente do Inmetro,

Meu caro Juan Manuel Quirós, presidente da Agência de Promoção e
Exportação do Brasil,

Meus amigos, minhas amigas,

Meus caros amigos representantes de micro e pequenas empresas,

Meus amigos jornalistas. Aliás, por falar em jornalista, é importante dizer
que os jornalistas não reivindicaram, Ricardo Kotscho, mas eu vou fazer uma
reivindicação. É a segunda vez que eu venho aqui, neste auditório, e eu noto o
seguinte: era importante que o microfone ficasse daquele lado para a imprensa
pegar de frente quem está falando e quem está na mesa, senão nos pega de
costas, e só quem que está falando, de frente. Como o sindicato dos jornalistas



não tem nenhuma reivindicação, eu estou fazendo a reivindicação para ver toda a categoria trabalhar, não mais, mas para trabalhar, eu diria, com mais tranqüilidade.

Dizer ao meu amigo Armando Monteiro que, no próximo dia 6 nós vamos, em Belo Horizonte, continuar aquela reunião que fizemos no Palácio do Planalto, onde o governo, com todos os ministros que participaram daquela primeira reunião, vamos dar a resposta para cada item daqueles que a CNI pleiteou e, certamente, uns serão atendidos, outros serão discutidos e outros virão a ser discutidos no futuro. Mas, de qualquer forma, nós vamos estabelecer o relacionamento que, há muitos e muitos anos, era reivindicado pelos empresários e, não sei porque cargas d'água, não era colocado em prática.

Nós partimos do princípio, Armando, de que o que vale para este país é tirarmos proveito do bom momento que o Brasil está vivendo, um momento de respeitabilidade, de credibilidade, e um momento em que as coisas estão andando, eu diria, de vento em popa, ou seja, eu digo sempre que nós precisamos apenas acreditar naquilo que nós temos competência para fazer. O povo sabe fazer, o povo é criativo.

Aquela visita que nós fizemos a algumas representações das APLs demonstram que o povo precisa apenas de oportunidade para fazer as coisas. O papel do governo é o de criar as condições econômicas e políticas para que as coisas aconteçam e rezar para que todo mundo trabalhe o máximo possível, porque o Brasil não pode jogar fora mais uma oportunidade. Não foram poucas as oportunidades que o Brasil perdeu e eu penso que o mundo está, hoje, olhando o Brasil com outros olhos.

O Furlan deveria ter vindo aqui e ter lido a matéria da Newsweek, que iria mostrar um pouco como é que o mundo está vendo o Brasil, porque houve um tempo em que nós éramos vistos como se fôssemos um país do carnaval, do futebol, um país de criança de rua, um país do autoritarismo. Eu acho que



nós tínhamos um pouco de cada coisa, mas a verdade é que nós temos também competência para sermos vistos como um país que tem capacidade de competição nos mais diferentes ramos da atividade econômica. Acho que o Brasil aprendeu a sair para o mundo vendendo aquilo que tem de bom e não ficar esperando que as pessoas venham aqui nos descobrir. Nós já fomos descobertos muito antes, agora, nós precisamos descobrir os mercados que nós desejamos.

Não dá para a gente ficar aqui esperando. Como diria o Roberto “os japoneses há 20 anos ameaçam comprar manga do Brasil e não compram, porque tem sempre um pretexto fitossanitário para não comprar”.

Então, nós temos que ir lá e forçar. Essa manga é melhor do que a manga que eles chupam de qualquer parte do mundo, ou seja, se nós não formos lá, fica muito difícil a gente querer vender. E isso vale para coisas maravilhosas que se produz neste país, desde o artesanato. Um país que tem a quantidade de pedras semipreciosas que tem o Brasil pode produzir coisas fantásticas e vender para o mundo. Qual é a mulher que não gosta de um brinco, de um colar, de algum enfeite? Afinal de contas, nós passamos a vida tentando nos enfeitar. Uns ficam mais bonitos com o enfeite, outros não tem jeito, não tem enfeite, mas de qualquer forma são coisas que todo mundo usa e que, portanto, se nós temos condições de colocar no mundo, nós não temos que ficar esperando.

Eu falei para o Furlan no avião hoje: toda vez que nós viajarmos agora, para qualquer país que nós formos, nós vamos fazer a apresentação de alguns dos produtos que nós temos. Se é joalheria, vamos vender a nossa joalheria, vamos apresentar, vamos mostrar para o mundo que nós estamos melhor do que qualquer um deles. Até porque muito do que eles produzem é com a nossa matéria-prima, então, porque não colocar valor agregado e ganhar o dinheiro para gerarmos a riqueza que nós precisamos?

Eu acho que este momento está sendo vivido com muita grandeza pelo



povo brasileiro. Acho que o povo brasileiro descobriu que ele pode ser melhor, ele pode fazer mais e pode ser muito mais respeitado. E respeito, vocês sabem, não é uma coisa que vem de graça. Respeito a gente conquista com procedimentos, com condutas, com políticas.

Eu me lembro que quando nós começamos o governo e eu indiquei o Furlan e o Roberto Rodrigues, sobretudo, e o Celso Amorim, eu dizia para os três: olha, temos que ter uma política de massacre neste país. Não dá para a gente ficar aqui achando que nós sabemos fazer. Temos que vender o que nós sabemos fazer. Eu acho que o resultado disso tem sido auspicioso para todos. Acho que não temos porque não fazer mais, sermos mais competentes.

O Furlan me dizia agora há pouco: “as exportações de julho deste ano, comparadas a julho do ano passado, cresceram 50%”, ou seja, nós estamos batendo recordes atrás de recordes nas nossas exportações. E vocês podem ter certeza, por menores que vocês sejam, mas se nós contribuirmos para que os produtos que vocês produzem sejam competitivos e se nós garantirmos a possibilidade de divulgar as nossas coisas lá fora, certamente, vocês poderão amanhã, se tornar grandes, até porque vocês não nasceram para ser pequenos a vida inteira, vocês nasceram com o objetivo de crescer. Isso tem sido o motivo de muito orgulho para nós que viajamos por esse mundo, vendendo as coisas boas do Brasil.

É bem possível que alguém, um dia, tenha viajado para vender o Brasil. Nós queremos vender as coisas que o Brasil produz, vender os produtos brasileiros e eu acho que nós temos condições excepcionais para crescermos muito mais do que estamos crescendo.

Por isso, eu quero dar os parabéns a vocês que estão neste seminário. Com esta já é a 10ª conferência de que eu participo em menos de 18 meses, em conferências sobre vários assuntos, numa demonstração de que o governo tem consciência de que não sabe tudo. O governo tem consciência de que ele vai acertar muito mais, quando ele tiver competência para ouvir aquilo que seja



síntese do debate e do conhecimento da sociedade brasileira e com isso, certamente, todos nós teremos a ganhar.

Nós, na medida em que tenhamos consciência que um presidente da República, um ministro, um chefe de gabinete do ministro, tem um tempo determinado para estar aqui, mas que o Brasil continua e as instituições continuam e nós não devemos nos apegar ao poder pelo poder, certamente, a chance de nós termos sucesso será infinitamente maior do que a que nós já tivemos até agora.

É por isso que um encontro como este me satisfaz, me dá prazer, me dá orgulho, porque nós estamos nos redescobrimos enquanto gente, enquanto nação, enquanto capacidade tecnológica, enquanto criatividade. Recentemente, em um debate em Genebra, para 264 empresários de 21 nações, ouvi o depoimento do presidente da Mercedes Bens que me marcou profundamente. Eu nunca tinha visto um brasileiro ter tanto orgulho do trabalhador brasileiro como tinha aquele presidente de uma multinacional alemã. O que ele disse da criatividade do povo brasileiro foi algo que me deixou extremamente emocionado. Depois eu vi, pela segunda vez, também de uma empresa multinacional, da vice-presidente mundial da Ford, o que ela falou da capacidade de aprendizado do nosso jovem, da experiência que eles estão tendo em Camaçari, na Bahia. É motivo para deixar qualquer governante feliz, alegre, porque o seu povo, tranqüilamente, pode competir em toda e qualquer área.

Por isso, uma ocasião como esta, é fundamental para o nosso país. Eu penso que todos vocês sairão daqui mais otimistas, mais convencidos de que nós poderemos fazer muito mais.

Numa reunião como esta, numa ocasião como esta, empreendedores e representantes de associações e sindicatos de empresas, dos mais variados portes, estão juntos com o governo na busca de soluções criativas e viáveis para o desenvolvimento econômico e social do nosso país.



Nós, do governo, não estamos aqui apenas para falar, nem somente para ouvir. Estamos aqui para trocar experiências e avançar juntos, por meio do diálogo democrático e franco na construção de um país mais forte e socialmente justo. Muitos de vocês representam micros, pequenas e médias empresas. São empreendedores em várias regiões, que confiam no nosso país. Mas trazem, em comum, desilusões e dificuldades não superadas, de um longo período em que parecia que só os grandes teriam vez e voz no Brasil.

Nós sabemos a importância das grandes empresas, dos grandes investidores e o poder que detém hoje, no mundo, mas sabemos também que no nosso projeto de nação, os pequenos e médios empreendedores têm lugar e espaço suficiente para crescer e prosperar.

Para garantir isso é preciso ter objetivos claros e políticas públicas bem definidas. Erraram os que defenderam a última década, e alguns ainda o fazem, que a omissão do Estado era necessária para que alcançássemos progresso e justiça social. A verdade, comprovada por todos nós, especialmente pelas senhoras e pelos senhores, é que os resultados da globalização têm demonstrado justamente o contrário: a necessidade de instrumentos eficazes e coordenação democrática do desenvolvimento, para que os seus resultados beneficiem a todos.

Minhas amigas e meus amigos,

Já são mais de 460 os arranjos produtivos locais onde o governo federal está atuando. E esse número deverá crescer ainda muito mais, quem sabe, com o incentivo desta Conferência.

Muitos desses arranjos se dedicam, por exemplo, à indústria de confecção, movimentando diversos pequenos empreendimentos e seus fornecedores de tecidos, máquinas e insumos. Outros estão organizados em torno de pólos moveleiros, integrados ao fornecimento de madeira e acessórios. Diversos casos vão da fruticultura à fabricação de auto-peças.

O governo tem participado desses arranjos, oferecendo-lhes,



principalmente, linhas de crédito e capacitação empresarial e tecnológica. Aqui uma coisa importante, toda vez que nós falamos de linha de crédito, é importante a gente fazer com que, na prática, a nossa teoria aconteça, porque muitas vezes se anuncia e muitas vezes as pessoas vão ao banco procurar e as coisas não foram arranjadas ainda. E essas coisas, não adianta deixar passar um mês, quinze ou vinte dias, para reclamar não, é preciso reclamar imediatamente para que possa haver uma intervenção do ministro responsável para que a coisa aconteça, senão você pode ter o seu projeto truncado por um gerente ou por um funcionário de uma agência bancária, o que não interessa nem ao banco, e nem interessa ao governo o que o setor pensa. Mas se nós não soubermos, também fica difícil.

Às vezes nós encontramos pessoas que falam: “é, mas o governo anunciou, faz 5 meses e não saiu”. Ora, se você não avisar, eu fico pensando que as coisas estão acontecendo de forma maravilhosa. Eu me lembro de algo que eu vou dizer, porque normalmente a gente só fala bem da gente, mas é importante falar coisas que os outros podem até criticar. O Ciro Gomes, o Palocci, me procuraram há um tempo atrás e me falaram que o Nordeste brasileiro não tinha conseguido gastar todo o dinheiro do Fundo Constitucional e que o Centro-Oeste já tinha gasto tudo o que tinha e precisava de mais dinheiro. Na hora, nós decidimos que iríamos dar R\$ 1 bilhão a mais para o Centro-Oeste, aí eu saí pelo Brasil falando que daríamos R\$ 1 bilhão para o Centro-Oeste.

Qual não foi a minha surpresa quando um dia desses, conversando com algumas pessoas, entre as quais o Ciro, eu fiquei sabendo que o dinheiro não tinha saído ainda. O que houve? Houve um problema burocrático. O que aconteceu? Na última quinta-feira, nós decidimos resolver o problema burocrático e na própria sexta-feira eu assinei a Medida Provisória garantindo R\$ 1 bilhão para o Centro-Oeste, porque não é possível que isso aconteça com uma região que esteja crescendo como a região do Centro-Oeste. Nos termos



o dinheiro para dar, e o dinheiro não chegar lá. Eu espero que a gente, agora, tire o tempo perdido e possa recuperar a capacidade produtiva da região, que tem crescido de forma excepcional nos últimos anos.

O nosso governo tem participado desses arranjos oferecendo, principalmente, linhas de crédito e capacitação empresarial e tecnológica. E isso não tem ocorrido por acaso. Os arranjos produtivos locais são parte fundamental do nosso Plano Plurianual 2004/2007, no que se refere ao desenvolvimento regional e são contempladas nas nossas políticas industrial, tecnológica e de comércio exterior, coordenadas pelo nosso companheiro Furlan.

O trabalho direto com esses centros de produção também está sendo feito pelo Ministério da Integração Nacional, implementando programas mesorregionais no semi-árido e nas regiões de fronteira.

Desde 2003 estão sendo investidos 60 milhões de reais nesses programas, possibilitando a organização do arranjo de gemas e jóias no Vale do Jequitinhonha e o de pesca na região do Alto Solimões, entre outras iniciativas.

Quando a gente cresce muito nessa questão da pesca, sobretudo, da aquicultura, – veja que já começaram a brigar conosco pela questão dos camarões, porque o nosso está maior, de boa qualidade, mais barato. Então, aqueles que defendem o livre comércio, de vez em quando, sabem, que não são tão livres assim. Mas como nós acabamos de ganhar a briga do algodão, acabamos com a felicidade do Roberto Rodrigues e do Furlan, tivemos uma grande vitória em Paris onde, me parece, demos o passo mais extraordinário para que a gente possa acabar com o subsídio agrícola da União Europeia e dos Estados Unidos, eu acho que nós vamos ganhar a do camarão também, porque na hora em que o povo começar a experimentar aquele camarão produzido no Nordeste, até por um preço mais barato, certamente, vai prevalecer a nossa competência de criar camarões. Eu acho que nós



descobrimos aí um filé, filé de camarão, obviamente, para a gente poder ajudar, sobretudo, os pequenos produtores do Nordeste e das regiões mais pobres do país.

Os outros ministérios, entre eles o do Planejamento, da Educação, da Ciência e Tecnologia e do Desenvolvimento Agrário, e diversas instituições como o Sebrae, a Finep, o Inmetro, também vêm atuando com muito destaque nesse mesmo sentido.

Meus companheiros, companheiras, empreendedores,

O grupo de trabalho permanente que está sendo criado, aqui, hoje, tornará as ações que já estão em andamento ainda mais coordenadas e eficazes. As diferentes áreas do governo passarão a trabalhar com maior complementaridade trocando mais informações e estabelecendo políticas cada vez mais integradas.

O grupo também acompanhará uma série de arranjos produtivos locais, que já são atendidos pelo governo. Com isso vão analisar o efeito das políticas públicas em cada localidade e também ouvir as sugestões dos empreendedores e trabalhadores para aperfeiçoar as atividades. Outra iniciativa que quero destacar é a dos selos de qualidade, que o Instituto Nacional de Metrologia, o Inmetro, e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Sebrae, lançaram aqui hoje. Se não lançaram, vão lançar na hora em que eu sair. São programas novos que vão ajudar as empresas a qualificarem melhor os seus produtos junto ao consumidor.

Além disso, o bônus de certificação e o bônus de metrologia permitirão às empresas que participam de arranjos produtivos locais utilizarem a infraestrutura dos laboratórios credenciados pelo Inmetro, com redução de custos de 50 a 70%. Já a certificação em consórcios permitirá às empresas se associarem para, juntas, passarem seus produtos pelos processos de certificação, o que gerará uma grande economia de escala. Os recursos para isso, que são de pequena monta, já estão garantidos na política industrial



tecnológica e de comércio exterior, com a alocação de 14 milhões e 900 mil reais, dos quais 2 milhões e 600 mil já estão sendo liberados imediatamente. O Furlan falou que liberaram. Então, prestem atenção, são 14 milhões e 900 mil reais, dos quais 2 milhões e 600 mil estão sendo liberados imediatamente. Toda vez que anunciaremos um número desses devemos dar o número do telefone para reclamação. Esse pessoal do Ministério da Indústria e Comércio só faltou ter colocado aqui: 14 milhões e 999,9. Podiam ter chegado aos 15 milhões. O Guido contingenciou 100?

O Ministério do Desenvolvimento e o Sebrae também vão trabalhar de forma cooperada no apoio à inserção comercial dos produtos das micro, pequenas e médias empresas, organizadas nesses arranjos. As ações incluirão projetos de centrais, bolsas de negócios, feiras logísticas e desenvolvimento de marcas coletivas.

Meus amigos e minhas amigas,

O caminho da união é o que dá força e viabilidade aos nossos propósitos. Isso vale para os trabalhadores, para os empresários e para os países. É assim que podemos potencializar nossas qualidades, nossa voz e nossa ação.

Eu quero dizer para vocês que prossigam nessas empreitadas e contem com nosso apoio. O governo certamente vai fazer sua parte e vai permanecer aberto aos debates e às novas propostas, que certamente sairão desta conferência. Eu queria que vocês trabalhassem com a certeza de que o papel do governo no desenvolvimento dos arranjos produtivos locais é o de ajudar. Na hora em que vocês perceberem que o governo está atrapalhando, alguém tem que dizer. Porque quando você vira governo, tem tanta gente que gosta, que mesmo nos erros continua concordando com o governo. Nós não queremos, porque o que vocês conseguirem produzir de propostas políticas, não servirá possivelmente para mim, ou para o Furlan, ou para o Armando, mas, quem sabe, servirá para os nossos filhos, os nossos netos, se a gente



conseguir este intento.

Muitas vezes ministros ou pessoas ligadas às ONGs, ou pequenos empresários, viajam à região da Emilia Romana, na Itália, e voltam boquiabertos com o sucesso dos arranjos produtivos locais, com o sucesso das cooperativas. Agora, aquilo não aconteceu da noite para o dia. Aquilo aconteceu em muitos anos, com muito trabalho, com muitos erros e com muitos acertos. E nós já temos um pouco de erros e temos um pouco de acertos. Nós temos apenas que acreditar que o que nós fizemos daqui para a frente vai depender de nós.

Eu acho que nós temos condições de ter um mercado interno muito mais forte para ajudar o crescimento das micro e pequenas empresas brasileiras. Esta semana, possivelmente, a gente vai apresentar algumas novidades para a micro, pequena e média empresa. A gente nunca pode avisar porque a imprensa passa a trabalhar como se fosse verdade e aí aparece um monte de informação que muitas vezes não é o que a gente quer apresentar.

Mas, de qualquer forma, nós acreditamos que o Brasil precisa fazer, nesse momento, tudo que puder para que a gente possa dar à micro e pequena empresa, a possibilidade de sobreviver sem susto, com políticas de financiamento mais justas, com políticas tributárias mais justas e com um mercado em potencial mais justo e, quem sabe, facilitado por nós.

O que nós podemos fazer, eu diria que é isso. Eu digo sempre o seguinte: se eu puder, ao viajar o mundo, servir de *outdoor* dos seus produtos, me usem. Se não puder, não me deixem viajar.

Obrigado e boa sorte.

/rss/cms/